



O Fracasso dos Planos

Cavallo e Real

E o NeoLiberalismo

como fica?

México, Argentina e Brasil adotaram o projeto neoliberal: injeção de capital flutuante estrangeiro na economia, maciça e irrestrita privatização das empresas estatais e do patrimônio público. Um mesmo receituário, seguido à risca por estes países, sem dúvida, na América Latina, os principais alvos dos interesses dos grandes cartéis e oligopólios internacionais.

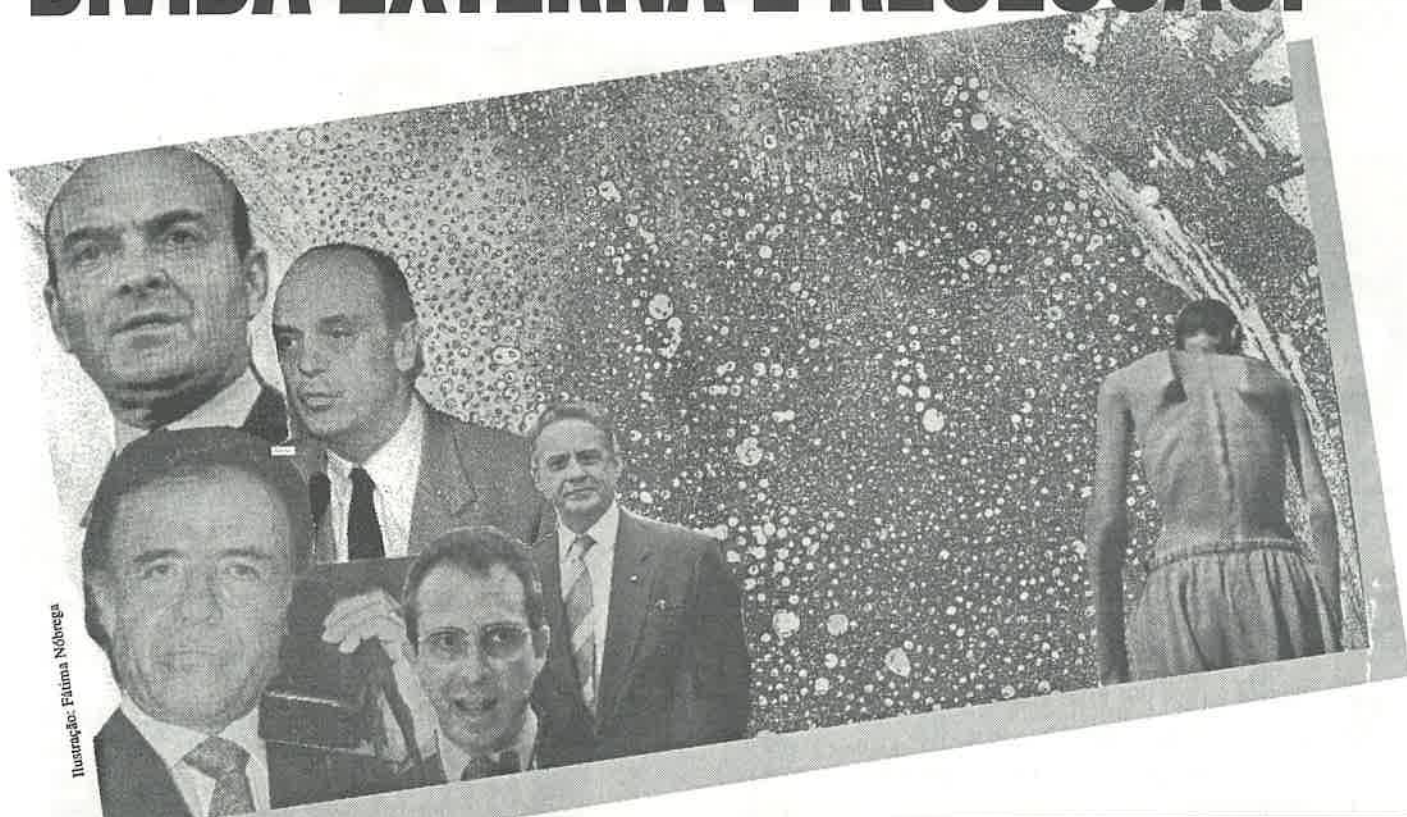
Consequências? Recessão, desemprego, crise do sistema bancário, entre outros reflexos dos chamados "planos de estabilização econômica". Planos que, sem dúvida, mantêm a inflação baixa mas a um custo muito elevado para a sociedade. O que se percebe é, em última instância, o dismantelamento do Estado, com a perda progressiva da indústria nacional e das conquistas sociais.

A crise do México atingiu os demais países, provocando a queda sucessiva das Bolsas. Na Argentina, os pequenos bancos quebraram.

Não é, portanto, mera coincidência que estes países, assim como o Brasil, estejam sendo pressionados, na maioria das vezes, em relação a questões polêmicas. O Brasil, apenas para citar um exemplo, é visitado, periodicamente, por representantes do governo norte-americano incumbidos da tarefa de convencer os parlamentares a votarem a Lei de Patentes e, com isso, dominarem ainda mais a nossa economia.

Desta vez o neoliberalismo chega sem máscaras.

DESEMPREGO, DÍVIDA EXTERNA E RECESSÃO:



Problemas comuns de Argentina e Brasil

Se há algum tempo atrás ainda existiam dúvidas que o modelo neoliberal de estabilização estava dando errado em diversas economias, hoje só existe uma certeza: os exemplos mexicano e argentino atestam o fracasso do neoliberalismo. Primeiro foi a derrocada do México, país que, após ter sido apresentado como modelo para os países que desejassem implantar programas de estabilização baseado nas normas estipuladas pelo FMI e pelo Banco Mundial, mergulhou em uma crise econômica sem proporções. Depois foi a vez da Argentina. Altas taxas de juros, o aumento vertiginoso dos índices de desemprego - a "desocupación" - e a quebra do sistema bancário são apenas alguns fatos incontestáveis, mesmo considerando-se que o governo FHC continua a apostar no sucesso das medidas neoliberais. Os próprios países do Primeiro Mundo, como Inglaterra, Espanha e EUA, estão

amargando as agruras do sistema. O índice de desemprego é crescente, a recessão e a miséria também pioram a cada dia. São 52 países que aplicaram o modelo. Em nenhum deles o resultado foi sequer satisfatório.

Quem daqui lê ou acompanha o noticiário dos principais jornais da Argentina, por exemplo, percebe que todo este processo, ou melhor, retrocesso, político, econômico e, conseqüentemente, social já está ocorrendo também no Brasil.

A Argentina apresentou, no ano passado, uma taxa de desemprego de 12%, a maior dos últimos 30 anos, sem esquecer que no processo de privatização implantado naquele País cerca de 350 mil trabalhadores de estatais perderam seus empregos. Mais alguns dados para completar este alarmante quadro: além da fuga de capitais, a Argentina enfrenta uma queda na arrecadação de impostos.

Quanto ao setor petróleo, a Argentina pode chegar ao final dos anos 90 sem qualquer reserva. Isto porque, após a privatização da YPF, as companhias privadas vêm demonstrando desinteresse em realizar investimentos de risco em virtude de o Estado se dispôr a vender-lhes a preços baixos áreas já descobertas. Torna-se uma questão de lógica: por que "arriscar" se já se pode ter o certo garantido?

Diante destes fatos, a proposta deste boletim, baseado na reprodução e análise de matérias publicadas no jornal "Clarín", o de maior circulação na Argentina, não é apenas mostrar a realidade deste País mas, fundamentalmente, dar uma prévia de tudo que poderá acontecer nos cenários político, econômico e social brasileiro, caso medidas drásticas não sejam tomadas no sentido de mudar os rumos da atual reforma constitucional. Se bem que, lamentavelmente, muita coisa já está acontecendo.

A QUESTÃO DO DESEMPREGO

Com uma taxa de desemprego de 20,09 %, ou seja, de cada cinco argentinos um está desempregado, Santa Fé encabeça os índices de desemprego na Argentina, juntamente com Rosário. Isto significa, apenas para se ter uma idéia, que, segundo estudos elaborados por um instituto argentino, este valor elevaria para 37 mil o número de desempregados em Santa Fé-Santo Tomé.

Mais números: O desemprego cresceu 2,8% desde outubro do ano passado e chegou, em maio, a 17% em São Miguel de Tucumán e Taíí Viejo. De uma população economicamente ativa calculada em 459.000 pessoas - 37% dos 1.233.000 habitantes - os desempregados atingem 78.030 e os subempregados 70.686. A soma dos dois é alarmante: 150 mil pessoas. Apesar destes números, o ministro Domingo Cavallo, "pai" do plano de estabilização argentino, continua negando que o plano econômico do governo seja o responsável pelo aumento das taxas de desemprego no País. Contradizendo as declarações do ministro estão os últimos números divulgados pelo INDEC: existem 450 mil jovens sem trabalho na Argentina. Os desempregados com menos de 25 anos representam 41%. Deste total, 435 mil, na faixa dos 15 aos 25 anos, procuram emprego sem sucesso. Contudo, passam por este mesmo problema os trabalhadores entre 40 e 49 anos (somam 170 mil desempregados).

Um dado ainda mais alarmante: o nível de instrução não protege ninguém contra o desemprego. Isto porque a crise econômica que afeta o País atinge a todos indiscriminadamente. Na capital e na Grande Buenos Aires existem 42 mil universitários graduados sem emprego. Um terço dos que não têm emprego hoje, na Argentina, cerca de 370 mil pessoas, são chefes de família, em sua maioria com filhos pequenos.

A União Industrial da Argentina (UIA) irá apresentar uma proposta para a criação de um programa que inclui uma série de medidas de emergência entre as quais a da reestruturação do Fundo Nacional de Emprego. Na verdade, a entidade quer destinar 3 milhões de pesos para o Fundo e a redução dos aportes patronais.

Por outro lado, a igreja reclama medidas em relação ao desemprego. O secretário executivo da Comissão Episcopal da Pastoral Social, Guillermo García Caliendo, alarmado com o crescente índice de

desemprego disse que o peso do ajuste econômico não deve cair sobre os trabalhadores. Disse, também, que a Comissão já havia solicitado a elaboração de um plano social.

Em meio ao torpedeo de notícias em relação à questão do desemprego o presidente Carlos Menem anunciou novas medidas que serão adotadas pelo governo para tentar amenizar os efeitos deste grave problema social que atinge a Argentina. Uma delas inclui o lançamento de um plano de construção de 100 mil moradias através do Banco Hipotecário. Um eventual aumento de impostos foi descartado. O presidente reiterou sua promessa de eliminar a cifra recorde de desemprego. Segundo anunciado, a partir de 1º de outubro entrará em vigor um novo pacote de medidas para enfrentar o índice recorde de desemprego, que inclui a diminuição dos investimentos privados (aportes patronais) entre 30 e 80%. ... bom lembrar que, a partir de abril, o nível de investimento do setor privado foi aumentado a pedido do FMI sem ter surtido maiores efeitos para a diminuição do desemprego. O novo pacote de Menem irá justamente reduzir estes investimentos aos níveis de abril passado.

Mais um dos reflexos do desemprego na Argentina que demonstra a delicada situação social no País: protestos e distúrbios em Córdoba, no início de agosto, conduzidos pelos demitidos da empresa norte-americana Lockheed e os suspensos da CIADEA (ex Renault). Ainda sobre este tema: o ministro do interior, Carlos Corach, admitiu haver tensões sociais nas províncias de Córdoba, Tucumán e Santa Fé como consequência da recessão e do desemprego. Também em Córdoba está sendo preparada uma paralisação geral contra a política econômica.

O governo argentino está estudando uma medida para amenizar os efeitos do desemprego no curto prazo: reduzir à metade o volume do auxílio-desemprego, que oscila entre 150 e 300 pesos mensais. Esta medida visa atingir 400 mil desempregados. Atualmente, somente 110 mil recebem este subsídio.

Um registro dramático da questão do desemprego na Argentina aconteceu no último dia 7 de agosto quando milhares de pessoas foram à Igreja de San Cayetano, patrono do trabalho, em Liniers, peregrinar e, a grande maioria, pedir emprego no momento em que o índice de desemprego atinge 18,6%, o maior de toda a história do País.

A CULPA DOS DESEMPREGADOS

Publicado no Clarín, em 14.08.95, o artigo Las "culpas" de los desocupados", do humorista Santiago Varela, descreve o "perfil ideal" para todos os desempregados que desejam conseguir trabalho: menos de 30 anos, pós-graduado em Harvard, com experiência local e internacional, ótima apresentação ("presencia impecable"), estar de acordo com os critérios econômicos-financeiros vigentes e, fundamentalmente, ser um ganhador nato. Fica a indagação: se é que existe este profissional-ideal, haverá emprego para ele em um País onde a grande maioria da população perde?



O perigo das privatizações

Quem lê a matéria "Brasil es la Gran Promesa", publicada no "Clarín", deve ficar, no mínimo, de sobreaviso. O documento elaborado pelo governo dos EUA, sobre as grandes economias emergentes, para incentivar o intercâmbio comercial e a entrada de empresas norte-americanas nos países mais promissores dos chamados subdesenvolvidos, destaca o Brasil como o "grande gigante econômico latino-americano". Ainda segundo a matéria, um dos entraves à entrada de capital norte-americano no Brasil seria a Constituição brasileira. Mas, infelizmente, mais adiante, conclui que o governo dos EUA confia que o presidente FHC poderá "implantar a reforma".

Sobre os efeitos da privatização na Argentina, uma mobilização ocorreu na cidade de San Nicolas como repúdio à demissão de 208 pessoas realizada na agora privatizada Central Térmica San Nicolas.

Como se vê, as privatizações, na Argentina ou no Brasil, representam formas evidentes de corrupção do poder econômico. Segundo o jornalista argentino Marcelo Matellanes, a corrupção, na Argentina, tem se desenvolvido muito nos últimos anos. Para ele, o narcotráfico é uma forma evidente da corrupção no esquema político, o mesmo acontecendo com as privatizações no econômico. São planos de aproximação que, obviamente, se interconectam: "Se não entendermos em que medida as privatizações na Argentina são um estágio na história de uma perversa articulação no País entre o poder econômico privado e o poder político, não conseguiremos entender em que medida estas privatizações se articulam com a chegada do narcotráfico".

Ainda segundo o jornalista, há casos de privatizações terríveis pois não eram conhecidas as regras para a regulamentação. Isto é, não se pode avaliar o valor de uma empresa sem que se conheça a regulamentação estatal do âmbito do quadro em que se vai desenvolver esta empresa. Isto só é feito por um investidor que sabe que poderá pagar a todos os políticos o necessário a fim de que a regulamentação assegure ao mesmo a alta taxa de lucros por ele esperada.

A ausência de poder regulador na área de saúde pública, apenas para citar um exemplo, é assustadora. Recentemente, houve 40 mortos intoxicados por consumo de vinho de mesa, bem como também ocorreram mortes por consumo de própolis e intoxicações com muzzarella em pizzas, etc. Essa ausência regulatória do Estado em flagrantes privatizações é bastante grave, pois além de comprometer a eficiência econômica do modelo argentino também é avassaladora no âmbito social.

Outra notícia que interessa aos brasileiros é "Temas calientes con un ministro brasileño", "Clarín", 14.08.95, que se refere à visita que o ministro da economia do Brasil, Pedro Malan, fez de dois dias à Argentina. Segundo a reportagem, o ministro, com fama de tecnocrata, foi à Argentina para falar, no Banco De La Nación sobre a "estabilidade econômica e democrática: a experiência recente do País"

"O que vem por aí" Quebra dos Bancos

Quanto à questão dos bancos privados, o Banco Mundial concederá outro empréstimo no valor de US\$ 500 milhões para a Argentina, destinado a apoiar o Plano de Reforma Econômica, em especial a recapitalização e reestruturação dos bancos privados argentinos. Esta decisão faz parte de um programa maior que visa restaurar a confiança no setor bancário, atualmente bastante abalada.

Ainda sobre o sistema bancário: o governador de Mendoza, Rodolfo Gabrielli, anunciou que visitará os sete principais bancos privados que operam no País em busca de créditos para atenuar a crise financeira que atinge a província.

Crédito

No que se refere ao crédito, estão sendo analisadas, na Argentina, pelo ministro Cavallo, medidas no sentido de aumentar a oferta de crédito. O próprio presidente argentino se comprometeu a melhorar o acesso ao crédito para as pequenas e médias empresas.

A Dívida Externa

Quanto à questão da dívida externa, o ministro Domingo Cavallo tenta renegociar as metas fiscais acordadas com o FMI até o final deste ano. Ele já deixou claro que a economia não poderá dispor, no término deste período, de um superávit adicional de 2 bilhões de pesos.

Consumo

Hoje, em Buenos Aires, quatro de cada dez inquilinos paga com atraso ou simplesmente não paga as despesas. Como dizem por lá: "La morosidad está creciendo...", "El 40% de los porteños está en mora con las expensas".

A Recessão

A recessão que atinge o setor industrial na Argentina começa a preocupar. Segundo a União Industrial Argentina (UIA), três problemas colaboram para o agravamento deste problema no País: o aumento das importações, a queda da demanda interna e as dificuldades de exportação. A única exceção, neste contexto, é a indústria siderúrgica. Um exemplo da regra é o setor de calçados com 1.500 fábricas e 30.000 trabalhadores e que apresentou uma queda de 30% na produção entre 1991 e 1994. As importações, neste mesmo período, cresceram 144%.

Associação dos Engenheiros da Petrobras (AEPET)

Av. Almirante Barroso, 22 - 19º andar - Centro - RJ - CEP: 20031-000 - Tel.: 220-4774 - Fax: 262-9224

BOLETIM DA AEPET

■ Coordenação Gráfica: Selulloid AG Comunicação - Tel: 220-3861 ■ Jornalista Responsável: Ivana Barreto